

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos*
Reginaldo Cesar Pinheiro**

Resumo: Este trabalho analisa o decadentismo bobbiano dialogando-o com existencialismo sartriano. As duas grandes guerras mundiais ocorridas na Europa impactaram significativamente os campos da política, da economia e da cultura europeia. A crise foi vivida pela elite como uma decadência. A crise da filosofia ou filosofia da crise resultou no surgimento do decadentismo, que se constitui em um movimento existencialista que propôs a reflexão sobre a experiência humana no mundo. Amparado no existencialismo proposto por Kierkegaard, Heidegger e Jaspers o decadentismo promove uma tomada de consciência e a exaltação de uma posição diante da vida. Bobbio tem em Jean-Paul Sartre a mais perfeita encarnação do intelectual decadente, na medida em que se constata que os personagens sartrianos são predominantemente decadentes e tem como característica principal a contínua interação entre a reflexão e a vida, entre a paixão vivida e a que se coloca em frente ao espelho da consciência. Metodologicamente o estudo foi desenvolvido por meio da análise da obra *El Existencialismo: ensayo de interpretación* de Norberto Bobbio e *Existencialismo é um humanismo e o Ser e o Nada: Ensaio de uma Ontologia Fenomenológica* de Sartre. Nesse sentido, a filosofia da crise esboçada pelos dois pensadores permite uma reflexão profunda sobre a experiência humana no mundo, com a possibilidade constante de estabelecer projetos de realidade humana no mundo.

Palavras-chave: Existencialismo. Decadentismo. Sartre. Bobbio. Filosofia da Crise.

NORBERTO BOBBIO: THE EXISTENTIALISM IN A SARTREAN DECADENTISM PERSPECTIVE

Abstract: This paper analyzes the dialogue between the Bobbio's decadentism and Sartrean existentialism. The two world wars significantly impacted the European politics, economy and culture. The crisis was experienced by the elite as a decadence. The crisis of philosophy or philosophy of crisis resulted in the emergence of decadentism, an existentialist movement which proposed the reflection on human experience in the world. Supported by the existentialism proposed by Kierkegaard, Heidegger and Jaspers, decadentism promotes awareness and the exaltation of an attitude before life. Bobbio sees in Jean-Paul Sartre the most perfect incarnation of the decadent intellectual, insofar as Sartre's characters are seen to be predominantly decadent and whose main characteristic is the continuous interaction between reflection and life, between the experienced passion and the one that is placed in front of the mirror of conscience. Methodologically, the study was developed through the analysis of the title *El Existencialismo: ensayo de interpretación* by Norberto Bobbio and Sartre's books *Existentialism is a Humanism* and *Being and Nothingness: An Essay in Phenomenological Ontology*. In terms of that, the philosophy of crisis outlined by the two thinkers allows a deep reflection on the human experience in the world, with the constant possibility of establishing projects of human reality in the world.

Keywords: Existentialism. Decadentism. Sartre. Bobbio. Philosophy of Crisis.

* Docente EBTT do IFPR – Campus Umuarama. Licenciado em Filosofia. Especialista no ensino de Filosofia para o Ensino Médio. Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade do Oeste do Paraná (Unioeste), com ênfase em Filosofia Moderna e Contemporânea. E-mail: tiago.soares@ifpr.edu.br. ORCID: 0000-0003-3771-6726

** Docente Universitário da Faculdade Estácio de Alagoas. Estácio FAL. Bacharel em Direito. Advogado. Licenciado em Filosofia. Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: reginaldocesarpinheiro@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-9151-6998

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

1 Introdução

É notório que na bibliografia de Norberto Bobbio encontra-se predominantemente estudos no campo da ciência política, relações internacionais e direito. Em filosofia, os estudos de Bobbio iniciaram em 1933 com o estudo da fenomenologia de Edmund Husserl. No entanto, sua atenção se concentrou quase que em sua totalidade no campo da ética e da filosofia política.

Neste contexto, a visão sobre o existencialismo proposta por Bobbio constitui-se em rara oportunidade de estudo. Por essa razão, o presente estudo visa apresentar o modo como Norberto Bobbio compreende o existencialismo, a partir de sua obra *El Existencialismo: Ensayo de interpretación*, publicado originalmente no ano de 1944.

Adverte Bobbio (1994, p. 12) que o referido ensaio filosófico foi publicado originalmente em 1944 pela antiga editora *torinense Chiantore*, sendo que no ano de 1948 o estudo foi traduzido para o inglês e publicado pela casa editorial *Blackwell*, de Oxford. Nele, relata Bobbio, foram realizadas correções formais e sensíveis modificações, especialmente a inclusão de um apêndice sobre a personalidade do filósofo Jean-Paul Sartre. O ensaio analisado no presente estudo consiste na tradução do texto em inglês para o espanhol, publicado pela editora *Fondo de Cultura Económica* em 1948.

Neste período, a América Latina começou a ter conhecimento sobre o Bobbio existencialista, conforme apresentam Filippi e Lafer:

[...] naquela época, na América Latina, havia se difundido a idéia de que, além do já conhecido Bobbio jurista, existia também o Bobbio existencialista, ou seja, ligado (graças também, como veremos, à edição mexicana de seu livro *El existencialismo: ensayo de interpretación*) a essa tendência filosófica que, pelo menos na versão de Abbagnano, não contrastava com o neorracionalismo e o personalismo laico de Bobbio. Ambos – Abbagnano e Bobbio – repudiavam a base metafísica e idealista das filosofias (do direito ou da existência) e atribuíram uma peremptória centralidade ao problema da liberdade e da pessoa (FILIPPI & LAFER, 2004, p. 36).

O estudo visa analisar a perspectiva de Bobbio sobre a filosofia existencial como uma filosofia de e da crise e a expressão conceitual do *decadentismo*. Na sequência, o texto versará sobre o *existencialismo sartriano*. Isso porque para Bobbio o filósofo francês é a expressão maior de decadentismo e da filosofia existencial. Sartre recebe esses adjetivos devido os seus níveis de engajamento nos setores mais distintos da sociedade, bem como nas características em que seus personagens eram criados.

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

O objetivo desta empreitada é promover uma análise interpretativa e comparativa entre os dois pensadores naquilo que os aproximam e os distanciam no que tange aos temas do existencialismo e do decadentismo.

2. As origens do existencialismo bobbiano

De acordo com o pensador italiano a *filosofia da existência* é uma maneira de pensar que responde estranha e maravilhosamente a vocação ou gosto filosófico de sua contemporaneidade. E justamente por proporcionar esse gosto maravilhado conquista espaços de interpretação da realidade humana, bem como suas interfaces com tudo aquilo que constitui e, ao mesmo tempo, é constituído pelos humanos. Por meio da proposta interpretativa da filosofia da existência não se exclui os antagonismos não havendo a necessidade de escolher entre este ou aquele, ainda que sejam opostos. A filosofia da existência pensada por Bobbio assume que o humano é, ao mesmo tempo, consciência satisfeita, mas que se desafia. Ser humano é ser-aí, é estar em um lugar chamado mundo que exige que o ser se posicione, escolha e aja. Que modo de atitude terá o humano sobre o mundo que se situa e vive? Seria de orgulho ou repugnância? Diante dessas questões Bobbio pensa que a filosofia da existência é uma filosofia de paradoxos e estes mesmos paradoxos constituem a existência humana de modo real e imediato. O existencialismo intentado pelo pensador italiano almeja mais que mero academicismo ou conceitos vazios desenvolvidos em textos acadêmicos. Afirma Bobbio que “a filosofia da existência é a filosofia de nosso tempo porque é a filosofia da crise” (1992, p. 14). É uma pensar concreto que problematiza a realidade humana em seus sentimentos, angústias, valores, dentre outros. Dito de outro modo: é um pensar concreto que pensa a concretude existencial. Torna-se oportuno observar com mais clareza como decorre este desenvolvimento de um pensar do existencialismo como expressão da crise.

El término existencialismo de nuestro título no pertenece obviamente ni a España ni a ningún país en particular; es algo que no podemos captar con denominación política, estética, humanista, o, en una palabra, filosófica. El existencialismo no es una religión, ni siquiera una teoría, es, por el contrario, una actitud crítica, tanto es así que se llama ‘la crisis de la filosofía’ e ‘la filosofía de la crisis’. [...] Es una actitud que podemos confrontar, sin miedo a dudas, con el estoicismo y epicuroísmo griego y es también una crisis que podemos comparar con el individualismo despreciativo de los sofistas (PEREA, 1971, p. ii).

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

A filosofia da existência assume a perspectiva de interdependência do humano com o mundo em suas construções sociais e históricas, a insurreição do pensamento existencial emana a partir da crise espiritual vivida no século XX. Período fortemente marcado por duas grandes guerras mundiais que assolam todos os valores humanos ou, melhor dizendo, avassalam os humanos e tudo o que deles se origina. Frente aos contextos históricos, culturais e sociais vividos no século das guerras, como pensar em uma verdade ou ainda que de uma verdade se desnudem mil verdades e que, efetivamente, nenhuma se sustente. Qual a consequência dessa situação? Uma apatia generalizada de valores e de plena desconfiança em tudo o que a partir deles se apregoa. Nesse sentido, Bobbio elogia o existencialismo por ser a leitura mais reveladora da crise vivida no século passado nos momentos de pré-guerra, de guerra ou de pós-guerra.

Em outra oportunidade, afirmou também:

Naqueles anos [1945-1949], eu me interessei pelo existencialismo, ao qual havia dedicado numerosos escritos mais expositivos que interpretativos e que me haviam induzido durante os meses de ocupação nazista na Itália a publicar em Chiantore [a antiga editora turinesa, em 1944] um livreto que havia intitulado de *La Filosofia del decadentismo*, no qual tentava dar uma interpretação pessoal das filosofias de Jaspers e de Heidegger, que agora poderia parecer totalmente fora do tempo, extravagante e corrompida por prejulgamentos ideológicos. A quem hoje possa se surpreender com estes meus interesses tão aparentemente distantes das questões daqueles anos, já tive ocasião de explicar que isso foi a marca de um período de angustiante passagem do velho para o novo, no qual o existencialismo satisfazia uma exigência libertadora com respeito às filosofias idealistas nas quais nos haviam formado, uma espécie de 'purgação' antes de encontrarmos nosso próprio caminho nas filosofias militantes do pós-facismo, que na época eram fundamentalmente o marxismo e o neo-iluminismo (*apud* FILIPPI & LAFER, 2004, p. 38).

Contudo, seria somente a guerra a raiz maior desse momento de crise? Segundo Bobbio não. Muitas são as respostas que são provocadoras do momento vivido em quase todo o século passado, imanente na própria história da civilização humana que apresenta o processo de libertação do humano em relação a autoridade. A crise resulta de uma exuberância desordenada, de uma vitalidade desatada que, em seu princípio, não é decadência, conduzindo, porém, com facilidade a ela. Bobbio aponta que o maior problema da crise está na falta da credibilidade na autoridade metafísica que tinha validade até Kant e o criticismo coloca essa autoridade em cheque. Esse início de crise proposto pelo pensador alemão tenta, em vão, ser superado pelo idealismo hegeliano e, posteriormente, pelo positivismo. O pecado teórico e interpretativo dessas duas correntes do pensamento filosófico foi de não conseguir conciliar a

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

interdependência entre sujeito e objeto da teoria do conhecimento kantiano. O idealismo supervalorizou o sujeito gnosiológico, mostrando que a autoridade é o próprio pensamento que a edifica, proclama a liberdade absoluta do pensamento margeando o nível mais próximo do arrogante humanismo. O positivismo, por sua vez, negou a influência do pensamento humano, apegando-se excessivamente ao objeto gnosiológico. Daí resulta que a autoridade deriva do mundo e não mais do sujeito promovendo uma hierarquia entre natureza e sociedade onde a primeira se sobrepõe à segunda.

Ambas teorias datam do século XIX. O século XX não propõe teorias e sim guerras. No mundo acadêmico, há um mero repetir de ideias sobre novas palavras sem qualquer novidade. Ações de discípulos que não superaram seus mestres. Este período é marcado, inicialmente, pela ausência de teorias e, posteriormente, por duas grandes guerras. Frente a isso, a única atitude que se apresenta como única, válida e legítima no século XX é aquela que renuncia a toda e qualquer forma de autoridade assumindo a desordem como guia mestra da existência.

Tal desordenamento, raiz e fruto do *decadentismo*, encontrou o caminho de sua afirmação teórica no existencialismo, pois este

[...] apresenta como aquela filosofia que, consciente e abertamente, a esperança se opõe ao desespero, a consecução da meta ao naufrágio final, a continuidade do ser que a quebra entre ser e existência, à coerência do pensamento racional o inconsequente e indescritível de um estado de ânimo, ao gozo inefável frente ao ser a angústia frente ao nada, em suma a fé do espírito criador do homem, que é própria do idealismo e do positivismo, a incredulidade e a vontade de destruição (BOBBIO, 1994, p. 22).

O trecho acima apresenta de modo muito claro a perspectiva paradoxal de compreensão da realidade proposta pelo existencialismo ou de uma filosofia da crise tal como denota Bobbio. Esse modo paradoxal de perceber e compreender o mundo é, de acordo com o pensador italiano, resultado do decadentismo que implica na aceitação da crise. Em que isso incorre? No assumir a perspectiva a partir “do qual um não se salva senão no dia em que se dá conta de que não há salvação” (BOBBIO, 1994, p. 25).

Respecto al primer motivo decadentista observado por Bobbio, la degradación de la naturaliza que (aunque de formas distintas) se produce en ambos movimientos, esta hecho puede responder al fenómeno de progresiva ‘carnalización’ de la reflexión sobre la experiencia humana que se produce en el mundo contemporáneo (DORRONSORO, 2000, p. 57).

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

Eis o modo cruel e sincero como a crise se revela. Diante de tanta realidade, a fuga é um caminho apaz. Assim, o decadentismo coexiste, paradoxalmente, ao maneirismo que consiste em recobrir a crise existente sem enfrentá-la ou resolvê-la. Apresenta um modelo retórico de explicação da realidade repleto de fórmulas vazias que não passam de palavras ao léu. É um fingimento de que a crise não existe para evitar os necessários confrontos dos paradoxos existenciais. Apoiando-se em Jaspers, Bobbio afirma que o decadentismo:

Se trata de la actitud de aquel que, alejandose del horizonte de la trascendencia y del horizonte del mundo, se retrae dentro del horizonte de su propia existência, no para volver a hallar en su próprio interior el mundo en su ser fenomênico o a Dios en la inuminación de la conciencia, sino para buscarse unicamente a sí mismo: escudriña la existencia del hombre, no para descubrir toda su riqueza, sino para cargar con su pobreza (BOBBIO, 1994, p. 44).

Em Dorronsoro (2000, p. 56) se infere que o decadentismo faz referência a uma corrente artística que se desenvolveu em certos países europeus no final do século XIX e que recupera parte da sensibilidade da decadência romana. Por outro lado, o fim da Primeira Guerra Mundial e suas consequências imediatas representaram para o mundo ocidental uma regressão política, econômica e cultural, que a elite europeia interpretou como uma decadência. Este sentimento refletiu, inegavelmente, nas esferas artística e filosófica. Afinal, perdeu-se a ilusão de progresso, de fé no homem e em um Deus que participe de nossa existência.

O enfrentamento aos valores morais, por exemplo, efetivados pelo existencialismo não retoma valores absolutos e retóricos, não prega qualquer ideal. Ao fazer essa clara objeção à moral vigente, por mais obsoleta que seja, o existencialismo revela uma moralidade interior, com valores próprios e, ao mesmo tempo, arroga-se na postura de que os valores pertencentes à moral vigente não lhes são suficientes. As regras que os humanos do passado próximo criaram não servem aos humanos desse presente. Cabem aos atuais homens o desafio de criar seus próprios valores, opondo-se aos do passado. Nesse sentido, a filosofia da crise é o existencialismo porque se propõe a enfrentar com a devida sinceridade os paradoxos constitutivos da realidade humana sem, no entanto, ofuscá-los com conceitos metafísicos, vazios e abstratos que apenas pululam de palavras eloquentes e que nada explicitam ou revelam ao humano. Nesse sentido, o existencialismo é a expressão e compreensão filosófica do decadentismo.

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

El primer responsable de la asociación del decadentismo decimonónico con el primer existencialismo es, probablemente, el italiano Norberto Bobbio, en su obra *El existencialismo. Ensayo de interpretación* (1944), de donde sugere una concepción del existencialismo como un decadentismo contemporáneo. Bobbio justifica su planteamiento, de entrada, con dos observaciones: en primer lugar (y como se admite de forma generalizada), el decadentismo no es propiamente un movimiento literario, sino ‘una atmósfera espiritual que deja su impronta en la poesía y en la arte, en el pensamiento y en las costumbres’ (Bobbio, 1966: 35); en segundo lugar, la filosofía existencialista tiene un marcado carácter poético, pues se expresa a través de imágenes, traspasando el ámbito filosófico para, sin abandonarlo, introducirse en el universo artístico (DORRONSORO, 2000, p. 57).

O decadentismo se origina de uma cultura que se dissolve paulatinamente em todos os seus constructos impossibilitando e incapacitando os sujeitos de agirem no mundo. O predicativo do homem desse tempo é o extraordinário, está sempre além e aquém de seu tempo, margeia a superação da realidade espaço-temporal se aproximando de uma mística contemplativa. O que o homem decadentista contempla não é fruto de uma experiência religiosa, de uma vida ascética, mas de uma contemplação e vivência da crise, inclusive da religiosa, dos costumes, entre outros. Para Bobbio, o decadentista é “aquele que, (...) hace de la crisis no el objeto de una repreobación, ni un trampolín para un salto hacia adelante, sino su propio destino, su último refugio, y encuentra en esta degradación su complacência y casi una exaltación de su propia falta de sostén” (BOBBIO, 1994, p. 21).

Esse homem em crise e inserido em um mundo também em crise é aquilo que Heidegger apresenta como *Dasein* ou *ser-no-mundo*. Sua estrutura de ser consiste no cuidado que é a estrutura originária e condição do comportamento ou situação humana. *Ser-no-mundo* e se estruturar enquanto cuidado é estar empenhado e comprometido com todas as possibilidades humanas. Eis a verdadeira índole do humano: o cuidado com as suas possibilidades, pois seu ser é poder ser e poder ser é um reino de possíveis. Porém,

este homem heideggeriano que, para escapar à angústia frente ao nada, acomoda-se a uma vida em um mundo impessoal e decaído sobre o signo do “cuidado”, quer dizer, impelido por suas próprias necessidades, que constituem sua essência originária, em direção à sua própria realização, e que se vê frente a frente com as coisas e instrumentos de sua própria ação e com seus semelhantes como vizinhos indiferentes; este homem que parece assediado por seu esforço incessante em escapar “ao nada que o aniquila, movido a agir por sua mesma natureza deficitária e rica ao invés de infinitas possibilidades nunca realizadas; este homem que, premiado pela luta diária na procura pelo necessário à sobrevivência, se subtrai ao pensamento inativo, que, desde os gregos, sempre foi o sinal do que no homem há de mais humano; este homem, é certamente, o homem anônimo e diligente que inclinando-se à superfície da história na civilização de hoje (BOBBIO, 1994, p. 33).

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

O homem heideggeriano tem como primeira possibilidade se aceitar com um ser possível e viver sua *autenticidade* ou assumir a possibilidade de que o homem não é um ser de possibilidades e viver a *inautenticidade*. Na primeira condição o homem vive sua angústia que é expressa no movimento literário por uma atmosfera espiritual de consciência da crise existente nos diversos âmbitos da experiência humana. Para Bobbio, “el decadentismo, mucho más que um gusto literario o um estado de ánimo, es una actitud vital: implica, pues, una determinada concepción del mundo y repercute en todos los actos de la vida espiritual (BOBBIO, 1994, p. 44). Surge, assim, a filosofia existencial, isto é, de um estado de ânimo e não de uma dúvida metódica como propunha o pensamento cartesiano. Desse modo, “o existencialismo leva a exasperação o motivo romântico da personalidade humana, como centro, como individualidade originária, como singularidade histórica e solitária” (BOBBIO, 1948, p. 37). E ao exasperar o aspecto humano da realidade promove um anti naturalismo e um simbolismo, algo puramente humano.

Tal como o decadentismo, o existencialismo pensa um homem novo e nenhuma relação estabelece com as concepções de homem anteriores. É uma perspectiva que encolhe e isola o homem. Esse isolamento é manifesto pelo tédio ou angústia visto ser elas que revelam o abismo do nada que originou sua existência. O existencialista tal qual o decadentista pensa o homem da finitude e o que limita sua liberdade é a morte visto ser esta a ruptura abrupta com a temporalidade. Assim, o homem rompe com toda a sua dependência com a natureza, do reino da necessidade e passa a viver sob o reino dos possíveis sendo consciente e sabedor dessa condição.

É no contexto moderno renascentista que se inicia a filosofia da crise porque coloca o homem como criador do próprio destino e senhor dos acontecimentos. O desenvolvimento dessa crise culmina no existencialismo do século XX que abandona a segurança e o papel essencial do homem desvelando uma insegurança com a consciência de que “a finitude do homem é princípio e fim de si mesma” (BOBBIO, 1948, p. 47). A desesperança promovida pela filosofia da crise não passa, segundo Bobbio, do homem cristão só que sem o perdão dos pecados, sem a misericórdia divina e a promessa da ressurreição. Tal possibilidade em nada altera o pensamento existencialista do século XX porque a salvação, o perdão, a misericórdia e a ressurreição são matérias de fé e não da filosofia. Caso o homem existencialista adira livremente à perspectiva da fé cristã, a concepção permanece a mesma, pois as promessas e

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

perspectivas da fé se iniciam a partir do instante em que se finda da temporalidade ou com a morte. De modo que, a matéria do existencialismo se limita à temporalidade enquanto que da fé cristã transcende a temporalidade.



3. O decadentismo sartriano

O decadentismo sartriano é analisado por Bobbio no texto *O Decadentismo de Sartre*, lançado como apêndice na obra aqui estudada, tendo em vista que em sua publicação original em 1944 não continha a perspectiva do que Bobbio denominou de *caso Sartre*. Somente com as sensíveis alterações promovidas por Bobbio em 1948 é que o texto passou a integrar a obra. Para o pensador italiano o existencialismo, na Itália de 1944, era uma moda e uma curiosidade que era circunscrita aos redutos intelectuais e que dificilmente se imaginava que se estenderia a um público maior. No centro desta *curiosidade* se colocava o *caso Sartre*, “que seguramente é o caso mais clamoroso e extraordinário da filosofia e literatura do pós-guerra” (BOBBIO, 1948, p. 84).

O modo como Bobbio expressa o existencialismo é de convergência com a visão sartriana, pois, para o pensador francês “a maioria das pessoas que utilizam esse termo ficariam bastante confusas para justificá-lo, pois, hoje, que ele virou moda [...] e, no fundo, o termo hoje assumiu tal amplitude que já perdeu todo seu significado” (SARTRE, 2010, p. 22).

Nota-se que o existencialismo proposto por Bobbio tem por fundamento o existencialismo de Kierkegaard, Heidegger, Jaspers e, ao final, Sartre. O existencialismo apresentado é o decadentista. Por outro lado, as bases de Sartre se iniciam com Kierkegaard, mas logo migram para Heidegger. Bases que se referem ao fenômeno da angústia enquanto conceito filosófico existencial ou tédio experiência humana ôntica de desvelamento da angústia, apresentado principalmente nas obras literárias do pensador francês. Assim, Sartre não só apresenta a existência de dois modos existencialistas, o cristão e o ateu, representados por Gabriel Marcel e Jaspers e o próprio Sartre, respectivamente. Sartre é enfático que o existencialismo ateu é mais coerente e, em diálogo aberto com Heidegger, diz que mesmo Deus não existindo existe um ser cuja existência precede a essência. Essa é uma, dentre tantas, das

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

máximas sartrianas que esclarecem e, ao mesmo tempo, demonstram a profundidade de suas reflexões. Em que implica tal afirmação?

Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialista não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar. Assim, não há natureza humana, pois não há um Deus para concebê-la (SARTRE, 2010, p. 25).

Nessa perspectiva existencialista, não é possível definir o homem de modo *a-priori* e se o fizer será necessário dizer que ele é o que ainda não é. O homem se define ao longo de sua existência por meio daquilo que ele escolhe e faz de si, e ao mesmo tempo, faz do mundo. Essa necessidade de não ser agora, coloca o homem na condição de ser projeto no presente e que realizará escolhas a partir daquilo que inicialmente se projetou, o que Sartre designa como projeto originário. De modo que ao longo da existência, o homem vai se tornando, por meio de suas escolhas aquilo que projetou ser. Em que isso incorre? Se o projeto é uma decisão livre do homem, se suas ações são oriundas de suas escolhas e fundadas naquilo que Sartre chama de liberdade, a própria decisão de qual projeto de ser, as ações que efetivarão ou não a concretização desse projeto ao longo da existência é de inteira e total responsabilidade do homem. Não é possível delegar a outrem o seu projeto, as suas ações e escolhas e mesmo que algum homem possa dizer que agiu assim, Sartre vai afirmar, a decisão primeira e livre de obedecer a alguém foi sua, o que não lhe exime da responsabilidade do mesmo modo.

A escolha assume papel preponderante na filosofia existencial de Sartre, pois é a partir dela que o humano vai se definindo em alguma essência. Esse homem não é um ser isolado, de modo que cada indivíduo particular com seu projeto de ser e suas ações se encontram e convivem com outros indivíduos. Isso quer dizer que as escolhas de todos os homens construirão a imagem de homem de nossa época que queremos deixar historicamente gravada e construída, bem como do mundo que construiremos tanto para os de nossa época, quanto para aqueles que virão em outras épocas. Por isso, “nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo” (SARTRE, 2010, p. 27). A cada escolha que se faz individualmente, está também se escolhendo a humanidade inteira. Em Dorrnsoro colhe que “contrariamente al determinismo (del tipo que sea) del que se sienten presos muchos héroes decadentistas, el personaje sartriano cree en su libertad, que le confiere la ‘autenticidad’, ao poder de actuar por si mismo” (DORRONSORO, 2000, p. 58).

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

Diante dessa condição estrutural do humano em que a escolha e posta pelo pensador francês, a angústia, o desamparo e o desespero assumem papel de destaque na filosofia existencial. Tanto é que Bobbio (1994, p. 90) afirma em seu ensaio que “a angústia é para o existencialista um estado de graça, como a melancolia para o romântico”. Sartre não afirma a angústia, separando-a do homem, tornando-a um vivido resultante de uma escolha. Para ele

[...] o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtrar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade (SARTRE, 2010, p. 28).

Mesmo sendo a angústia um aspecto estrutural do humano na concepção existencialista, assumi-la, vivê-la não se torna algo prazeroso. Ao contrário, viver de modo engajado no mundo na perspectiva do existencialismo ateu consiste no saber que tal condição de angústia nunca será superada, pois o homem é angústia e suplantá-la e fazer com que o homem deixe de ser homem.

El existencialismo ha sido llamado ‘filosofia de la crisis’ y más precisamente la filosofia de la angustia. ‘Angustia’ de no poder responder a las preguntas ¿Quienes somos? ¿Adónde vamos? ¿Por qué somos?. Frente a todas éstas sabemos que tal ves ‘voy a morir’; ésta es una realidade que no puede negar. La angustia del existencialista es el no saber lo que hay detrás del existir o más allá de la muerte o encontrarse en la Nada (PEREA, 1971, p. 9).

Portanto, ser homem engajado no mundo é saber-se angustiado, incompleto e infeliz. Tal condição não agrada ao humano e, por isso, estabelece uma rota de fuga. Foge da sua estrutura primeira de liberdade bem como da possibilidade de ser fazer. A fuga da liberdade impele o humano a apenas uma possibilidade e nela se define. Finge ser algo que não é. É o que Sartre chama de má-fé. Difere-se da mentira porque ao mentiroso cabe o conhecimento da verdade e o desejo de acobertá-la. No caso da má-fé não ocorre essa situação, pois aquele que assim age ainda não se sabe como angústia, projeto e liberdade. Pensa que sua essência está definindo sua existência e condicionando suas escolhas. Sartre, radicalizando sua análise, afirma que mesmo a má-fé é uma ação e que, estruturalmente, foi escolhida dentre possíveis e que pode ser superada pela consciência engajada e infeliz da angústia e da responsabilidade do fazer-se e do fazer o mundo a qualquer momento.

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

Assim, o homem que exclui suas possibilidades de ser e se fia em apenas uma tornar-se-á ao fim de sua existência tudo aquilo que escolheu com o intento de realizar seu projeto. Este, por sua vez, é interrompido bruscamente sem ser concluído. A morte, promotora da brusca e inesperada interrupção do projeto põe fim à existência petrificando o sujeito. Com a finitude, o humano se define sem mais possibilidades de ser outra coisa; afirma-se, sem maiores restrições, que “você não é outra coisa senão sua vida (...) o que queremos dizer é que um homem não é outra coisa senão uma série de empreendimentos, a soma a organização, o conjunto das relações que constituem essas empreitadas” (SARTRE, 2010, p. 43).

Os conceitos presentes na filosofia existencial de Sartre são revelados e vividos por meio de seus personagens. Roquentin, Orestes, Electra, Mathieu Delarue, dentre tantos outros são os manifestantes desses conceitos que estruturam a doutrina existencialista sartriana. Todos de um modo ou outro vivenciam: Roquentin descobre o tédio ou angústia e a reflete por meio de seu diário descrevendo situações cotidianas na novela *A Náusea*; Orestes, personagem principal da releitura da obra *Sófocles, Édipo Rei*, assume sua condição de ser livre, responsável por seus atos e rompe com o destino que na obra de outrora os deuses lhe havia prescrito; Electra, personagem secundária da mesma obra, irmã de Orestes, vive sua má-fé por meio do remorso e da tormenta promovida pelas moscas que zunem em sua existência, quase enlouquecendo-a. Mathieu Delarue vive sua condição livre, porém, irrefletida na obra *Idade da Razão*.

Lo que queremos decir es que el existencialismo es filosofía que tiene influencia en la literatura y que esta literatura no es simplemente una enciclopedia poética sino también la historia del pensamiento de un individuo, de un grupo, de un país, o de una nación, o de un continente. La historia misma de esta nación y de este continente ha mostrado un desarrollo que no puede separarse de ‘todas’ las actitudes culturales y el existencialismo más que una actitud es un resultado (PEREA, 1971, p. 8).

Ao observar com um pouco mais de atenção os personagens e os conceitos do existencialismo sartriano e enxergá-los com a mesma lente que Bobbio explicita do homem decadentista ver-se-á que os personagens sartrianos apenas exemplificam de modo particular o homem decadentista. Para Bobbio, o elemento mais característico dos personagens sartrianos está na “contínua interacción entre reflexión y vida, entre la pasión vivida y la que se coloca frente al espejo de la conciencia” (BOBBIO, 1994, p. 86). Neste sentido, observa também Dorronsoro:

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

87

En cuanto al simbolismo y hermetismo a los que alude Bobbio, si bien advirtiendo su carácter indudablemente diferente en las corrientes, es innegable su observación de la peculiaridade de una filosofía que se expresa a través del lenguaje literario, a través de imágenes. De este modo, será necesario un proceso de descodificación de esas imágenes (paralelo al de descodificación de la realidad aparente que predica el autor, por otra parte) para acceder al entendimiento del mundo y del hombre (DORRONSORO, 2000, p. 57-58).

Destaca-se que o filósofo italiano Augusto Del Noce divergiu da interpretação do existencialismo proposta por Bobbio. Em sua concepção, não há uma relação essencial entre decadentismo e existencialismo, tendo em vista que o primeiro é decorrente do naturalismo e é resultado da falta de verdade, que lhe é essencial, portanto, e pela via de consequência não pode expressar-se como filosofia; sendo que o segundo opõe-se ao hegelismo (ou ao racionalismo em geral), problematizando-o como verdade, uma vez que a forma filosófica lhe é essencial. (PORTINARO, 2013, p. 60). Carlos Astrada em *La revolución existencialista* observa que

[...] dicha corriente no puede interpretarse como una ‘filosofía de la crisis’, si por ello se entiende (...) una respuesta acorde al naufragio del sentido provocado por el estallido de las guerras mundiales, que minaron la confianza en la razón y el progreso; por el contrario, la irrupción del existencialismo no admite una explicación exterior, como efecto de un contexto, sino que debe comprenderse como respuesta filosófica a las antinomias del pensamiento moderno, o seja, intrínseca a la peculiar trayectoria de la filosofía moderna (EIFF, 2016, p. 193-193).

Com isso, é possível inferir que a filosofia da crise põe no pensamento kantiano a responsabilidade pela crise do fundamento das verdades metafísicas, no idealismo hegeliano uma tentativa frustrada de restabelecimento desse ponto arquimédico de segurança do mundo sendo exclusivamente tarefa do pensamento enquanto próprio ato de pensar; no positivismo, corrente que se opôs ao idealismo mas incorreu no mesmo erro de polarização pela via da objetividade. Nessa crise de fundamentos filosóficos que interpretem a realidade, na crise espiritual, econômica e política que desencadearam as duas grandes guerras mundiais, o terreno se torna fértil para uma crise em todos âmbitos da realidade humana e a filosofia existencial surge como uma filosofia da crise no processo de compreensão dessa condição do humano em um mundo, ambos em crise. E Sartre, por sua vez, se torna o expoente de maior difusão do decadentismo existencial, na medida em que se constata, em última análise, que seus personagens são predominantemente existencialistas decadentes.

NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

5. Conclusões

À guisa de conclusões, é possível inferir que o *decadentismo* representa a forma contemporânea do existencialismo, não sendo supérfluo afirmar que se constitui em uma autêntica filosofia contemporânea.

Decadentismo autêntico porque expressa o declínio de todo um aparato axiológico que vigorou até meados do século XX e que as duas guerras mundiais puseram em xeque e que sucumbiram frente à nova realidade que se apresentava a um porvir. O existencialismo se torna uma corrente filosófica que melhor satisfazia os anseios dos questionamentos passados e, ao mesmo tempo, apresentava um futuro incerto, inseguro e aberto a ser construído. Tais incertezas são promotoras de uma consciência angustiante de liberdade, de responsabilidade e de engajamento frente ao que o humano deseja ser e também do que projeta fazer do mundo.

O existencialismo analisado por Bobbio, a partir das filosofias de Kierkegaard, Heidegger e Jaspers, promove, pelo viés do decadentismo, uma tomada de consciência e a exaltação de uma posição diante da vida. Para que seja possível se posicionar diante da existência, é necessário, de antemão, saber-se no mundo assumindo a responsabilidade pela construção do próprio ser, bem como da estruturação do mundo em que vive são aspectos claros de posicionamentos diante da existência.

Bobbio tem em Jean-Paul Sartre a mais perfeita encarnação do *intelectual decadente*, na medida em que se constata que os personagens sartrianos são predominantemente decadentistas e tem como característica principal a contínua interação entre a reflexão e a vida, entre a paixão vivida e a que se coloca na frente do espelho da consciência. Roquentin, protagonista da obra *A Náusea* se vê impelido em cada ação a reconhecer as contingências existenciais. As consequências de suas negações em assumir um compromisso efetivo com Marcelle sob o pretexto de perder a liberdade, colocam-no a repensar que toda ação que lhe cobra o comprometimento já resulta de sua liberdade. Nesse sentido, os personagens representam o homem existencialista como um romântico sem ilusões e desiludido, ou seja, um decadente (BOBBIO, 1994, p. 89).

Com isso, é possível concluir que o existencialismo analisado por Bobbio pelo viés do decadentismo permite uma reflexão mais profunda sobre a experiência do homem no mundo. Se o mundo está em processo de decadência de valores por motivos históricos, cabe ao homem



NORBERTO BOBBIO: O EXISTENCIALISMO NA PERSPECTIVA DO DECADENTISMO SARTRIANO

Tiago Soares dos Santos / Reginaldo Cesar Pinheiro

olhar esse mundo bem como voltar sua atenção aos próprios olhos e ao ato de enxergar a realidade e se dispor, livremente, a refazer o mundo decaído e a si mesmo enquanto ser-no-mundo. De acordo com Bobbio, é a corrente existencialista a lente mais adequada de se compreender e interpretar a realidade em um mundo decadentista que se projeta a ser outro.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. *El existencialismo: ensayo de interpretación*. Trad. Octavio G. Barreda. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DORRONSORO, María Badiola. *Rasgos decadentistas em los personajes del primer J.P. Sartre*. In: MAÑES, Montserrat Serrano; ANGUITA, Lina Avendaño; ROMERO, María del Carmen Molina (coord.). *La philologie française à la croisée de l'an 2000: panorama linguistique et littéraire*. pp. 55-62, Granada: Universidade de Granada, 2000.

EIFF, Leonardo. El anti-sartrismo paradójico de Carlos Astrada: controversias entre existencialismo y marxismo. *El Banquete de los Dioses – Estética, política y ontología em la filosofía de Gilles Deleuze*, vol. 4, n. 6, pp. 187-210, Mai./Nov. 2016.

FILIPPI, Alberto; LAFER, Celso. *A presença de Bobbio: América Espanhola, Brasil, Península Ibérica*. São Paulo: UNESP, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Marcia Sá. 4. ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

PEREA, Dulce Maria. La influencia existencialista en algunos autores espanoles del siglo XX. *Master's Theses*, 1971. Loyola University Chicago. Disponível em: <http://ecommons.luc.edu/luc_theses/2592>. Acesso em: 06.Nov.2018.

PORTINARO, Pier Paolo. *Norberto Bobbio, filósofo da "Itália civile"*. In: TOSI, Giuseppe (org). *Norberto Bobbio: democracia, direitos humanos, guerra e paz*. João Pessoa: UFPB, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009.